

OS DOIS OFÍCIOS¹ - TRAJETÓRIAS CONVERGENTES NA FORMAÇÃO DO HISTORIADOR

THE TWO CRAFTS - CONVERGING TRAJECTORIES IN THE FORMATION OF THE HISTORIAN

*Weber Abrahão Júnior*²

Resumo: Esse artigo nasceu de convergências entre memória pessoal e memória geracional. Nasceu ainda da necessidade de fazer uma espécie de acerto de contas com a ourivesaria, ofício que meu pai me ensinou e que exerci por uma década, e do qual muito me orgulho. Mas também olhar uma trajetória como professor e historiador, ofícios que hoje exerço. Desse modo, pretendo fazer um percurso afetivo-profissional pelos dois ofícios que um dia abracei simultaneamente, a ourivesaria e o magistério. Nas suas confluências compreendo melhor o meu fazimento, em busca de mim e dos outros de mim mesmo. E percebo que os dois ofícios têm muita coisa em comum, como artesanato que são: permitem construir marcas identitárias que permanecem nos corpos, nas mentes e nos corações. No percurso, refaço reflexões sobre representações coletivas, História e memória, propiciadas pelos debates que travei com os professores e os colegas quando cursava o Mestrado em História.

Palavras-chave: Ofícios; História; Memória; Identidade; Trajetórias.

Abstract: This article was born of convergence between personal memory and generational memory. Yet born of the need to make a kind of reckoning with jewelery, craft my father taught me and I held for a decade, and which I am very proud . But also look at a career as a teacher and historian , crafts that today I exercise . Thus , I want to make an emotional coach route the two crafts that once embraced both the jewelery and teaching. In its confluences I understand better my work, searching for me and the other of myself. And realize that the two offices have a lot in common, such as crafts that are allow to build identity marks that remain on the bodies, minds and hearts. Along the way, redo reflections on collective representations , history and memory, afforded by discussions with teachers and colleagues of the Professional Masters in History, that study today at UFG -RC .

Keywords: Crafts; History; Memory; Identity; Trajectories.

INTRODUÇÃO

O tempo é a medida da história, não o passado. Sua passagem produz o distanciamento necessário para a

¹ O título do artigo foi inspirado na leitura da quadrinização do livro **Dois Irmãos**, de Milton Hatoum, feita pelos gêmeos Fábio Moon e Gabriel Bá.

² Historiador e Mestre pela Universidade Federal de Catalão – UFCAT. Também graduado e pós-graduado em Direito pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU. Brasil. E-mail: advocaciaweber@gmail.com.

compreensão de conceitos como duração, experiência, consciência histórica. No tempo de curta duração, ressalta a memória como expressão de acontecimentos. A experiência compartilhada de uma geração, em sua brevidade, a consciência de pertencimento de um tempo e lugar. A consciência como um situar-se para as experiências do futuro.

O texto a seguir é um convergir. De leituras, urgências, angústias e profissões. Instigado inicialmente pela leitura de Rüsen, nos quadros do Mestrado Profissional em História, que cursei entre os anos de 2015 e 2017.

Para quem estudou Teoria e Metodologia da História pela última vez em um curso de especialização lato sensu, em 1991, a leitura de Rüsen é, inicialmente, árdua. Em uma primeira visada, árida, porque esmiúça os temas, dimensões e conceitos utilizados, até o esgarçamento. Assim foi a leitura da trilogia sobre Teoria da História, publicada no Brasil pela UnB.

E tal aridez foi a primeira impressão, por um, digamos, “equivocado didático” de leitura: li primeiro o capítulo 2 do Livro III (em função da bibliografia do concurso do Mestrado); depois o capítulo 1 do Livro I; e, finalmente, a Introdução do Livro I.

Tentando compreender a estrutura do pensamento do autor, e como explicitada em seus textos, conforme minha leitura conduziu a inevitáveis comparações: Robert Alexy e sua obra “Teoria dos Direitos Fundamentais”; Jürgen Habermas e seu livro “Conhecimento e Interesse”; e, fatal e finalmente, Max Weber, em “Economia e Sociedade”, este

citado por diversas vezes no corpo do texto de Rüsen, em remissão frequente ao campo de estudos da *ação social* como motivação e interesse.

Desse modo, observando a escritura do autor, e por minhas *afinidades eletivas* de leitura como acima esboçadas, fui estabelecendo uma chave de leitura para seu intrincado e complexo pensamento, tentando superar a primeira impressão de aridez, chave na verdade oferecida por ele mesmo ao longo dos textos, mas que demanda disciplina do leitor para apre(e)nder a utilizá-la.

Em suma, o que aproxima a estrutura da escrita dos autores acima com minha leitura de Rüsen, em minha maneira de ver, é a capacidade de produzir um edifício conceitual e teórico e apresentar os esquemas de decifração para seus leitores (se é possível a comparação, um tanto *organicista*): as plantas baixas, ou seja, um *chão teórico*, uma base de leitura; o projeto arquitetônico, a representação conceitual das ideias; os projetos hidráulico e elétrico, condutores de conceitos e elementos teóricos; e, enfim, a projeção tridimensional do edifício acabado e *habitável*, e devidamente modulado.

Mas, por outra volta, a aridez ainda me incomodava, a certa altura do capítulo 1 do Livro I, como aquele proverbial comichão nas costas: não sabia o motivo da coceira, nem como resolver o problema, por inalcançável: *onde estariam os exemplos fatuais de tudo o que o autor elabora e argumenta? Não seria interessante ancorar sua fala em situações históricas concretas, para orientar a leitura?*

Encontrei a resposta na página 16 do Livro 1 (Rüsen, 2001): a teoria da história incomoda os historiadores ocupados “apenas” com pesquisa e historiografia, porque

“... convida-os a voltar suas vistas dos conteúdos do passado que examinam para si próprios (auto-reflexão). Passa-se com eles algo parecido com o que ocorre com aqueles que querem saber o que fazem quando dormem e, com isso, acabam insones.”

Ora, a preocupação em formular uma teoria da história, para Rüsen, vincula-se à busca de uma racionalidade de fundo filosófico e metateórico, ou seja, a tarefa de debruçar-se a história sobre si mesma, via de seus pesquisadores (cientistas da história), para que, nessa “prestação de contas”, a história possa exercer seu papel de *consciência histórica*: situar o homem em seu tempo e por/para sua práxis, a partir de um passado que lhe faça sentido.

Desse modo, o texto burilado³ a seguir é reminiscência, entendida aqui como memória imediata, ou seja, que não está no alcance da explanação histórica, com suas regularidades, causalidades e razões. O texto elaborado é, como dito acima, também resultado de um processo de convergência de profissões: o ourives e o historiador, nessa busca autorreferencial, autorreflexiva, do fazer-se professor-pesquisador. Um resgate. E uma prestação de contas.

OS METAIS E A INTERVENÇÃO DO ARTESÃO

Uma memória não é apenas uma reminiscência, um fragmento da ação humana no tempo. Uma memória também é uma representação, melhor dizendo, uma representação social, ou seja, um espelhamento das práticas sociais, entendidas como as ações e as interferências no campo cultural, realizadas por seres humanos em relação uns aos outros e na sua relação com o mundo (as interferências são discursivas e não-discursivas): práticas culturais são práticas sociais, em registro plural, conforme BARROS [2011, p.11-29].

Representação social é uma modalidade de conhecimento do senso comum, que procura traduzir uma forma de pensamento social. Nos termos de SÁ [1995, p, 19-45], a construção do conceito de representação social é resultado dos esforços de Moscovici para a convergência teórico-metodológica das ciências humanas e sociais, partindo da psicologia em direção à sociologia durkheimiana, em busca de um conceito-síntese e de superação teórico-metodológica.

Assim, as práticas sociais dialogam com as representações sociais, pois essas são formas de conhecimento, socialmente elaboradas e partilhadas, partindo de uma visão prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social.

³ O buril é uma ferramenta de uso corriqueiro do ourives. É uma haste de metal engastada em uma manopla de madeira, com uma ponta afiada em formato de “v”, normalmente utilizada para a cravação de pequenas pedras preciosas e fazer arabescos em peças de ouro e prata. Mas *burilar* também é arredondar, e ainda *escrever de modo rendilhado*.

Desse modo, segundo Chartier [2009, p. 56], o diálogo permanente entre práticas e representações permite redefinições que são recíprocas.

Procuo neste trabalho traçar caminhos e reencontrar encruzilhadas pessoais, compreendidos na convergência de um tempo histórico de urgências coletivas em memória geracional. Um tempo *acelerado*. História compreendida como a permanente e duradoura reflexão sobre os tempos do homem no mundo. E nesse traçado de memória que me conduz a reencontros e retomadas, convergem os ofícios de ourives, aprendido artesanalmente na oficina de meu pai, e o de historiador, como formação acadêmica retomada como mestrado profissional, hoje.

Porque o conhecimento histórico não se projeta como o estudo do passado, mas sim, como o presente continua ressignificando, incessantemente, os múltiplos sentidos das experiências humanas no tempo. Como afirma Chartier [2009, p.67], a tarefa singular do historiador, é a capacidade de ler as diferentes temporalidades que fazem o presente ser o que é, herança e ruptura, invenção e inércia ao mesmo tempo.

Nos termos de Durval Muniz de Albuquerque Júnior

O historiador me parece habitar mais um atelier do que um espaço fabril. Considero que a atividade historiadora tem maior proximidade com a paciente e meticulosa atividade manual exercida por tecelões, bordadeiras, rendeiras, tricoteiras, chuliadeiras.

Atividades que têm maior proximidade com o universo definido como feminino do que com as atividades fabris identificadas como pertencentes ao universo masculino⁴.

Assim, na construção de minha trajetória, a oficina do ourives confluiu para a *oficina da história*. A ourivesaria disciplina habilidades manuais delicadas e cuidadosas: o manuseio do alicate para a cravação de pedras no metal precioso; a mão firme para a soldagem dos elos de *correntinhas* finíssimas; o processo de limar, lixar, polir as alianças, sem deixar riscos aparentes e visíveis na superfície do metal, precioso.

As habilidades manuais, necessariamente associadas ao olhar treinado para detectar e superar as impurezas da pedra a ser cravada; o alinhamento das extremidades do metal para a soldagem sem pontas sobrando; a percepção do brilho do metal polido sem ranhuras.

Ao buscar nas memórias pessoais todas essas referências, e produzir novos arranjos e sentidos, percebo nas minhas experiências pessoais o sentido do conceito de *deslizamento* no interior de *sistemas culturais mestiços*, conforme PINHEIRO [2004, p. 120-130]:

Já não servem isoladamente, sem readaptações, as aplicações teóricas que examinam as culturas híbridas a partir de binariedades (tradição e ruptura, alto e baixo, centro e periferia...) ainda que seja para invertê-las ou sintetizá-las. As articulações e deslizamentos entre o

⁴ O Tecelão do Tempo.

local/internacional e o internacional/local esquivam-se de qualquer tentativa de explicação dualista ou generalizante.

A construção do saber do ourives se perde nas tradições europeias (ao menos essa é minha referência imediata), tanto quanto se refaz na criatividade e nos *jeitinhos* que aprendi, nos truques para a solução de problemas de conserto ou fabricação de joias. Articulações e deslizamentos, por suposto⁵. Do mesmo modo, cedo percebi na academia, nas duas graduações, nas especializações e no mestrado, tais articulações e deslizamentos conceituais e teóricos, tanto entre os professores, quanto na prática de cada um no cotidiano de sala de aula, e mesmo nas indicações bibliográficas.

Mas, se a história é um relato – o que a aproxima da literatura – a escritura da história é diferente de outros relatos, pois ela é um *saber do outro*, cravado por citações, articulando a compreensão do discurso *do outro*, um verdadeiro **folheado**, onde a metade do historiador, a sua interpretação, se apoia sobre a outra, aquela experienciada pelo *outro* que fala pelas possibilidades de leitura do pesquisador [Koselleck, citado por Chartier, p. 94].

Nesse caso, o outro em questão são *outros de mim mesmo*: o adolescente que por dez anos trabalhou no difícil ofício da ourivesaria, pontuado por técnicas e práticas

artesanaís seculares, trazido pelas gerações na linhagem fina e fluente entre o traçado da tradição e as rupturas inovadoras; e o adulto que se formou na academia e vem se fazendo professor de história e historiador.

Se o folheado do texto é técnica de leitura de mundo, a ourivesaria também desenvolve técnicas de folhear metais. Folhear o texto é, na leitura do historiador, um apoiar-se na fala do *outro* para tornar memória em história. Mas folhear também é o processo de “passear” pelas páginas, em aproximação inicial ou localização específica de elementos no texto.

Na ourivesaria, o folheado é uma técnica de revestimento, de cobertura. Vestir o cobre ou o latão, destituídos de qualquer nobreza, com o brilho inoxidável do ouro 18 quilates, em uma fina película. O ouro 18 é uma liga de ouro quimicamente puro com prata e/ou cobre, na proporção de três quartos de ouro para um quarto de prata e/ou cobre. Porque o ouro puro, denominado vinte e quatro quilates, não se presta em geral às artes da ourivesaria, ao menos a joalheria, por ser muito macio e fisicamente instável.

A técnica de revestimento denominada *folheado*, na ourivesaria depende da laminação do ouro ou de outro metal precioso, depois de fundido e transformado em barras. O processo de laminação consiste em reduzir a espessura da barra de ouro passando-a entre dois cilindros, cuja separação é inferior a espessura de entrada.

⁵ Um grande amigo, que também aprendeu o ofício com o meu pai, foi ser ourives em Portugal, nos anos 1990. Ao tentar as soluções criativas que aprendeu no Brasil, foi duramente repreendido pelo joalheiro chefe da equipe: era preciso respeitar as tradições seculares da ourivesaria, inclusive porque as peças produzidas pelos ourives em Portugal, por legislação corporativa (as corporações de ofício) levam o registro da casa que as produziram, em forma de carimbo no metal.

Mas, embora o ouro quimicamente puro não se preste à fabricação de joias em sentido estrito, ou seja, anéis, alianças, brincos, por sua fantástica maleabilidade, pode ser laminado até alcançar a espessura de uma folha de papel, utilizado então para revestir lombadas e capas de livros.

O ouro laminado oculta o cobre ou o latão, mas desgasta-se com o tempo e com o uso. Assim, desvela o outro metal, que suporta o folheado, mas não o oculta, e nem poderia. O descascado da folha de ouro ocorre nas quinas, nos cantos vivos da joia. Sempre. Mas há outra técnica de revestimento, o chamado “banho de ouro”. Esse é um processo de eletrólise, pelo qual uma fina camada de moléculas de ouro é depositada na superfície da peça (os resultados do trabalho do ourives são *peças*), feita geralmente de prata. Essa camada molecular de ouro, fina ainda e sempre, deve sempre ser refeita, sob pena do metal de origem emergir e desvelar-se.

Assim é o folheado e o banhado nas leituras do metal, mas também do tempo, da memória e da história. A folha é a outra face, mas também um caminho de visitação dos textos e das fontes de pesquisa. A folha é também cobertura e desvelo, pois permite entrever pelos vãos, desgastes e rachaduras, as outras histórias e os outros metais.

Podemos assim pensar os caminhos de visitação das fontes de pesquisa, entendidas como documentos. Recorro aqui às reflexões de Leandro Karnal e Flavia Galli Tatsch (2013, p. 9-28), sintetizadas a seguir.

O documento é pedra fundamental do pensamento histórico. **Mas o que é documento?** Essa discussão remete

ao problema: o que deve ser preservado pela História e qual é o estatuto da própria História? A leitura do documento varia, em função de sua reconstrução permanente, mas também em relação ao valor que tem no presente; em função de leituras diferentes feitas por agentes diferentes; em função do recorte que se faz.

O documento não é um documento-em-si. Ele é um diálogo claro entre o presente e o documento. Resgatar o passado é transformá-lo pela simples evocação. Todo documento histórico é uma construção permanente. Mas os intérpretes também orientam a leitura do documento.

A mutabilidade do documento está relacionada com o sentido que o presente dá a ele, e a seus personagens e fatos. Assim, fatos e documentos históricos dialogam com o presente: a visão do presente e as fontes passadas.

Assim, falo aqui sobre os ofícios do ourives e do historiador. Tão próximos e tão distintos. A arte de trabalhar ouro e prata, tão maleáveis quanto as memórias, individuais e coletivas. Nas leituras vorazes de mundo, aos quinze anos, a minha primeira tarefa na oficina de joias de meu pai: trinta pares de alianças de ouro 14 quilates, ou seja, com cerca de quarenta por cento de prata e/ou cobre em sua composição.

Desse modo, depois de duas semanas, na pele da ponta dos dedos, já quase não (ha)via as digitais. Limas grossas e finas lixas d’água, de gramatura 400 (*Wetordry Imperial Paper*), além de massas de polimento à base de óxido ferroso (*Dialux Rouge*), foram apagando as marcas nas pontas dos dedos, substituindo-as por camadas calosas de

pele, produzindo uma nova identidade social, a de artífice dos metais maleáveis, do ouro e da prata: *ourives*.

Percebi posteriormente que o historiador busca nas memórias coletivas e individuais a produção de seu ofício. Alianças e rupturas, em pistas que se espalham pelas mais diversificadas fontes. Perde-se nas identidades de estranhos e de idênticos, refazendo-se homem e historiador à medida que desvela os registros para e pelo presente.

Apropria-se de relatos, pistas, sentidos, universos inteiros de representações, práticas e significados, em possibilidades polissêmicas a atualizar. Experimenta anéis e pulseiras, forja novos sentidos para os metais cunhados.

Ia assim, lentamente, me apropriando de um referencial de sentidos até então pertencente apenas a meu irmão e a meu pai. As *aneleiras* eram itens de brincadeiras da infância. Depois, enfronhado nas disciplinas da ourivesaria, vieram a tornar-se um jogo de argolas de ferro niqueladas e numeradas, para medir diâmetros de dedos e fazer anéis, além de alianças de noivado e casamento.

Aprendi também a separar o ouro das impurezas, primeiro a limalha de ferro com um ímã que um dia fora componente central de um alto-falante; depois, o amálgama com mercúrio. As pedrinhas, a areia, as sujidades ficavam coladas à superfície do metal líquido, flutuando em torno daquela mistura prateado-dourada. A mistura era então colocada em um cadinho, um pequeno casulo feito de material refratário que suporta altas temperaturas.

Acendia então o maçarico, um bico de fundição para onde convergiam gás liquefeito de petróleo e oxigênio puro. O mercúrio entra em ebulição a cerca de 360 graus Celsius, evaporando em uma nuvem pestilenta, venenosa e acinzentada – mas por mim insuspeita, então (um *intermezzo*: depois da aposentadoria, meu pai foi diagnosticado com depressão profunda. Visita ao médico. Na *anamnese*⁶, após ser informado da profissão da vida toda de meu pai, o psiquiatra estimou um diagnóstico: possível contaminação por respirar, por anos, o vapor de mercúrio resultante do processo de fundição para a limpeza do metal precioso de suas impurezas).

De outras vezes, era purificar ouro misturado à prata e cobre. Da época que, aos quinze, dezesseis anos, era possível comprar ácido sulfúrico e ácido clorídrico na farmácia, e sem qualquer receita! O ouro impuro era fundido com cobre de fiação elétrica, laminado, cortado e misturado em água-régia, uma mistura de ácidos altamente corrosivos. Depois, era separar por eletrólise o ouro quase puro.

A água da pia, o lixo varrido cotidianamente, as lixas, as limas, as sobras de fundição, as escovas de polimento, tudo era cuidadosamente armazenado para a reciclagem, pela quantidade de metal precioso depositado ali. Outro recurso para recuperar o ouro e a prata entranhados nas frestas, fímbrias e interstícios do ofício.

De modo semelhante, o historiador recolhe, classifica, avalia, percorre caminhos em busca de fragmentos

⁶ Anamnese, do grego, recordar, buscar na memória, trazer à tona.

de sentido. Articula métodos, técnicas, fatos e interpretações, em recortes temáticos que também esquadrinham os extremos, os intervalos, as rachaduras nas memórias e nos documentos.

Três anos depois de minha primeira incursão ao ofício de ourives, cursando então História na Universidade Federal de Uberlândia, o ourives se viu aprendiz de historiador e diante de suas escolhas; a separar, catalogar, classificar o que lhe interessa, entre limalhas conceituais e teóricas, através de areias que se movem sem sentido imediato e aparente, buscando uma síntese que traduza sua trajetória de busca por sentidos e sentenças.

Por vezes se intoxica com o excesso de dados e informações, na poeira que levanta ao caminhar entre suas escolhas e abandonos. Mas procura construir uma rota e um caminho.

Na oficina do ourives, as laminadoras eram um caso à parte. Meu pai tinha duas. Uma com os dois cilindros lisos, para a laminação de chapas. Outra, com diversos sulcos. A metade dos sulcos para transformar a barra de ouro ou de prata em fios quadrados; a outra para fios redondos ou em formato *meia-cana* (ou abaulada, *boleada*; um tubo maciço cortado ao meio, em sentido longitudinal).

Um caso à parte porque ficavam em um cavalete de madeira que, por velho e mal adaptado à tarefa e ao esforço, chacoalhava como um bicho chucro quando, usando movimentos de manivela, puxávamos o metal, dando forma para posterior conteúdo. (Cavalete que custou a meu pai um deslocamento de coluna incurável e intratável).

No mesmo cavalete ficavam as *fiadeiras*, ou fiandeiras, pequenas e delicadas placas de aço com furos em diversos diâmetros, para a transformação do ouro e da prata em fios, usados na fabricação de pulseiras, colares, anéis e fechos. Presas a uma morsa, uma espécie de torno, dependiam de força e alicate de mecânico para produzir resultados.

CONCLUINDO: AS FERRAMENTAS E OS METAIS FICARAM NA MESA DE TRABALHO

As ferramentas da ourivesaria e os seus respectivos metais ficaram naquela mesa de trabalho. Mas outras ferramentas vão e vêm sendo constituídas. Em busca de condições para buscar a *competência narrativa* da consciência histórica: pelo aprendizado de meu tempo e de minhas memórias, em sintonia com a memória geracional, para permitir a constituição dos sentidos históricos, o que conduz a organização no tempo, do âmbito cultural de orientação da vida prática, interpretando o mundo e a mim mesmo.

É memória consciente, que encaminha o aprendizado e, ao mesmo tempo, é um modo próprio de aprendizado. Assim, a minha formação histórica não está apenas em um objeto, no caso, o diploma de graduação. Ela é uma capacidade para produzir sentido através de uma narrativa, reelaborada continuamente, e sempre de novo, orientando a vida de quem o faz. Finalizando, uma última reflexão de Rüsen [2010, p.104]:

“Aprender é a elaboração da experiência na competência interpretativa e ativa, e a formação histórica nada mais é do que uma capacidade de aprendizado especialmente desenvolvida. Essa capacidade do aprendizado histórico precisa, por sua vez, ser aprendida.”

UM FECHO

Aos vinte e cinco anos de minha idade, a ourivesaria me abandonou. Meu pai, a caminho da aposentadoria, intoxicado pelas nuvens mercuriais, desistira já da profissão. Meu irmão conduzia-se para outro campo do artesanato: a música. E eu, já professor, não consegui levar adiante os dois ofícios, então. Mas hoje, nas salas de aula, alinhavo os finos fios dos meus tempos, dos meus *outros de mim* e dos tempos da história, puxados da memória. E que tecem histórias amalgamadas por leituras filosóficas e sociológicas, dialogadas e de fundo para a produção da comunicação empática e interessada com meus alunos.

(Um projeto: em dez anos, na Bahia, uma pequena oficina de ourives, a duzentos metros da praia. Se não me faltarem olhos. Se não me falharem os óculos e as lentes de aumento...).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR. Durval Muniz de. *O Tecelão dos Tempos: o historiador como artesão das temporalidades*. Revista Eletrônica Boletim do TEMPO, Ano 4, Nº19, Rio, 2009. Disponível em: http://tempopresente.org/index.php?option=com_content&view=article&id=4973:o-tecelao-dos-tempos-o-historiador-como-artesao-das-temporalidades&catid=36&Itemid=127. Acesso em 24/05/2015.

BARROS, José D' Assunção. *Representações e práticas sociais: rediscutindo o diálogo das duas noções no âmbito da História Cultural Francesa*. In: Imaginário e representações: entre fios, meadas e alinhavos/Regma Maria dos Santos, Valdeci Rezende Borges (organizadores). Uberlândia, MG: Aspectus, 2011, p. 11-29.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense-Uniiversitária, 1982, 315 p.

CHARTIER, Roger. *A História ou a Leitura do Tempo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, 77 p.

MOON, Fábio; BÁ, Gabriel. *Dois Irmãos*. Adaptação em quadrinhos do livro homônimo de Milton Hatoun. São Paulo: Quadrinhos na Cia, 2015, 232 p.

PINHEIRO, Amálio. *Por Entre Mídias e Artes, a Cultura*. Revista de Comunicação, Cultura e Teoria da Mídia. São Paulo:2004, vol. 06, p.120-130. Disponível em: <http://revista.cisc.org.br/ghrebh6/artigos/06amalio.htm>. Acesso em 26/05/2015.

RICOEUR, P. *A representação historiadora. A memória, a história e o conhecimento*. Campinas: Unicamp, 2007, p. 247-295.

RÜSEN, Jörn. *Razão histórica: teoria da história: os fundamentos da ciência histórica*. Brasília: UnB, 2001.

_____. *Reconstrução do Passado – Teoria da História II: Os Princípios da Pesquisa Histórica*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.

_____. *História Viva. Teoria da História III: formas e funções do conhecimento histórico*. Brasília:UnB, 2010, 1 reimpressão.

SÁ, Celso Pereira de. *Representações Sociais: o conceito e o estado atual da teoria*. In: O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social/ Mary Jane P. Spink (org.). São Paulo:Brasiliense, 1995, p. 19-45.